

PSICANÁLISE & LITERATURA: UMA AVENTURA DE SENTIDOS

Beth Fuks

Próximo ao final da aventura que o levou a inventar a psicanálise, Freud, referindo-se aos versos de Goethe, reconhece que sua disciplina sempre esteve submetida à autoridade do escritor e do poeta. Selava, dessa forma, o que havia apreendido no início de sua prática: psicanálise e criação artística dizem respeito à Outra cena. Das artes, privilegia a que melhor franqueia o acesso ao inconsciente: a literatura. Uma escolha legítima. Basta lembrar que, da tragédia de Sófocles, foi retirado o tom do que hoje se conhece como o lugar nuclear do mito edipiano na estrutura psíquica do sujeito. A análise freudiana sobre a estruturação do sujeito encontra em *Édipo Rei* uma figura conceitual ímpar, uma metáfora privilegiada, um exemplo conclusivo do que a experiência clínica testemunha. O poeta de Colono talvez tenha sido o maior dos aliados de Freud: cantava em prosa e verso, muitos séculos antes da invenção do inconsciente, os mais profundos desejos que habitam a alma humana – o incesto e o parricídio –, matéria-prima da investigação psicanalítica.

Aos poucos, a percepção freudiana de que “o escritor e o poeta precedem o homem de ciência” foi determinando o giro fantástico da psicanálise em direção ao campo da literatura. Neste percurso, ainda que desejando inserir a *Interpretação dos Sonhos* no campo da ciência, Freud ousou ficar ao lado do poeta, e tomar partido da Antigüidade e da superstição popular na defesa de que as idéias oníricas são passíveis de desvelamentos, e rejeitar as categorias científicas e concepções fisiologistas sobre o sonho. Fundada em 1900, a “ciência dos sonhos” construiu um

laço inestimável com o campo da literatura, lugar-testemunho da polifonia de vozes da Outra cena.

É curioso que Freud, ao mesmo tempo em que seguia o rastro dos escritores, inventa uma escrita, a escrita do inconsciente, que o obriga a escrever de forma extremamente enigmática para um cientista do início do século XX. Ainda nos *Estudos sobre histeria*, ele próprio reconhece ter ficado bastante assustado, ao perceber que as histórias de seus pacientes eram lidas como “novelas”, desprovidas, por assim dizer, de qualquer caráter de “cientificidade”. Transpondo todos os limites das observações sintomáticas da histérica, Freud adotou como sistema de apreensão do sofrimento psíquico, uma série de eventos da história do sujeito que imediatamente eram integrados, pelo instrumento clínico da transferência, ao próprio processo de cura. Com isso, afastava-se da neurologia e da psiquiatria – “os diagnósticos localizados e as reações elétricas até então usadas para o entendimento de uma histeria, não levavam a parte alguma” –, e se aproximava dos escritores – “uma descrição detalhada de processos mentais, como se costuma encontrar nas obras de autores literários, facilita a obter uma melhor e maior compreensão do curso desta afecção”. Entre a ciência positivista e a narrativa literária, o mestre de Viena escolhe beber desta última fonte. Na história da psicanálise, o peso desta escolha encontra, em suas próprias palavras, um veredicto: os escritores e poetas “costumam saber de uma multidão de coisas entre o céu e a terra, cuja existência nossa sabedoria acadêmica nem alcança sonhar”.

Nadiá Paulo Ferreira dedica-se com rigor obstinado e inflexível a seguir a percepção freudiana para lançar-se à aventura de articular a literatura e a psicanálise como campos constituídos na tensão discursiva entre o que é da ordem do intemporal – a vida, a morte e as paixões avassaladoras – e o que é da ordem da História. Neste percurso, as contribuições inestimáveis de Lacan à teoria freudiana são referências privilegiadas para a autora de *Amor, ódio & ignorância*, em seu empenho de iluminar com cores fortes

a incursão da psicanálise no campo da literatura. Assim, seguindo a prescrição do próprio Lacan em *O arrebatamento de Lol V. Stein* – uma homenagem a M. Duras –, Nadiá se dispõe a fazer avançar um pouco mais o saber psicanalítico a partir do saber em ação em *O Banquete*, de Platão e em dois textos da escritora portuguesa Ana Hatherly, *O Mestre e Tisanas*.

Em que o conhecimento de Platão sobre aquilo que está entre o céu e a terra contribuiu para elevar *O Banquete* ao universal da tragédia humana – o amor, o ódio e a ignorância? Nadiá encontra a resposta no discurso de Aristófanes sobre o amor definido como a procura do todo, do Um e, a partir daí, leva o leitor ao cerne da descoberta que estrutura a clínica psicanalítica: o amor de transferência. Com maestria, esta autora nos faz navegar pelo conceito de Sujeito Suposto Saber, sem mergulhar nas ecolalias que reverberam na grande maioria dos textos lacanianos oferecidos nas prateleiras das livrarias. Amor-paixão e o amor de transferência são tratados por Nadiá como letras da inesgotável melodia pulsional, o que, por si só, garante a singularidade de sua pesquisa e contribuições ao campo da psicanálise.

Mas o ódio caminha ao lado do amor. Em que um saber que transcende o cientificismo e a arte controlada pela observação direta da História permite a Ana Hatherly revelar uma capacidade singular de pensar, sob ângulos insólitos e desconhecidos, os processos psíquicos de subjetivação da dor do amor contracenando com a frustração que desencadeia o ódio? Ao abordar o único romance desta autora, *O Mestre*, Nadiá tem como horizonte pensar os desfechos trágicos da ignorância no amor de transferência e no amor-paixão. Uma tarefa que lhe exige efetuar uma leitura à letra de cada texto trabalhado, pois a arte de ler se traduz em acompanhar a errância das letras nos brancos e na margem do texto. Nadiá mantém-se fiel à demanda de interpretação do texto. E é a partir deste ponto que emerge a verdadeira finalidade de sua obra: manter a transmissão da psicanálise viva, feita de lacunas e silêncio como a literatura.

Entre tudo o que oferece este livro generoso da *Coleção Janus*, sobressai a lição de que na transmissão da teoria psicanalítica, o sujeito de um dizer, de um ato de enunciação, sempre ultrapassa o que já foi dito, formulando um fluxo de dizeres que é permanente exposição ao Outro e para o outro. Enfim, com *Amor, ódio & ignorância*, a autora realiza a proeza de escrever sobre uma conexão – psicanálise e literatura – capaz de produzir muitos equívocos, caso não seja respeitado o limite entre ambos os campos, sem pedantismo, sem vulgaridades, sem a repetição enfadonha do mesmo. Com isso ficarão enriquecidas as bibliotecas dos que se interessam pelo insólito do psiquismo humano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- FERREIRA, Nadiá Paulo. *Amor, ódio & ignorância: literatura e psicanálise*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa Livraria/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2005 (Coleção Janus, n.4).